

IDENTIDADES NAS AULAS DE ARTES VISUAIS – UMA RELAÇÃO COM OS ESTUDOS DA CULTURA VISUAL

Josieli Tamaris Sangalli - *UFSM*

Marilda Oliveira de Oliveira - *UFSM*

Resumo

O presente estudo tem como um dos objetivos observar e analisar que simbologias individuais e coletivas os estudantes costumam se identificar em sala de aula e com isso, problematizar como se relacionam com as imagens estereotipadas, massificadas pela cultura, e de que forma estas imagens proporcionam um conhecimento de si e do grupo. Para isso, foram abordados conceitos sobre identidades, seguidos de outros temas como retrato, caricatura, símbolos nas aulas de artes visuais. Abordamos também identidades coletivas, pensada em grupos. A partir de então, alguns trabalhos práticos foram produzidos pelos estudantes, através de diferentes linguagens artísticas.

Palavras-Chave: identidades; ensino de artes; cultura visual.

Abstract

The present paper aims to analyze the individual and collective symbols of a group of teenagers in the fundamental level, as well as discuss how they relate to the stereotyped images, the mass culture, and how these images provide a knowledge of themselves and the group. Conversely, it was addressed concepts on identities, followed by other subjects such as portrait, caricature, symbols in the visual arts classes. It is also an approach on collective identities, being considered in groups. As a result, some practical works were produced by students through different artistic languages.

Keywords: identities; teaching of arts, visual culture.

Introduzindo a pesquisa

A presente pesquisa corresponde às minhas inquietações enquanto professora em formação inicial, bem como reflexo de minhas experiências artísticas enquanto estudante da educação básica. Aqui se apresenta o trabalho desenvolvido na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II e III em Artes Visuais no ano letivo de 2008, com a turma de 7ª série – turma 72- do Ensino Fundamental da Escola Estadual Professora Édna May Cardoso em Santa Maria/RS.

Para pensar a regência em sala de aula no ano letivo de 2008 menciono Pimenta (2004) que infere que o estágio aproxima o professor em formação da realidade da qual atuará e “deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade” (p. 45), e é isso que venho a propor-me ao construir este artigo – refletir sobre a prática educativa realizada neste ano. O Estágio Curricular proporciona não só o conhecimento da realidade de sala de aula, mas possibilita que mesmo ocupando um “não-lugar” (VASCONCELLOS, 2008, p. 1486) na instituição de ensino, os

professores em formação tenham contato com sua organização e com seu Projeto Pedagógico.

A 7ª série, turma 72 era constituída de 26 alunos, de idades entre 13 à 16 anos; a tradicional turma de repetentes e considerada pela maioria dos professores como a turma “problema” da escola. Tínhamos na escola, um espaço físico limitado à sala de aula com suas classes individuais. Algumas vezes dispúnhamos da sala de informática, e outras vezes da sala de televisão, onde eram projetadas as imagens trabalhadas em aula.

Para desenvolver este projeto tracei como objetivo observar e analisar quais simbologias individuais e coletivas os estudantes costumam se identificar em sala de aula e com isso, problematizar como eles se relacionam com as imagens estereotipadas, massificadas pela cultura, e de que forma estas imagens proporcionam um conhecimento de si e do grupo.

Em sala de aula: metodologias e conteúdos de arte

Tendo como foco trabalhar o tema identidades, abordei “sub-temas” como retrato, auto-retrato, caricatura, abstração/desconstrução e símbolos. Num primeiro momento tornou-se apenas uma busca pela “erradicação” de símbolos estereotipados e impostos pela cultura. Com este propósito, passei a trabalhar apenas com atividades de criação, praticamente sem nenhuma discussão e reflexão por parte dos estudantes. A prioridade girava em torno de conteúdos procedimentais – que proporciona uma compreensão pela experiência, pela experimentação – e conteúdos factuais – onde a repetição verbal e/ou visual auxiliaria na execução da atividade – (ZABALA, 1998).

Portanto, ao fim do primeiro semestre, percebi que minhas questões de pesquisa estavam longe de serem respondidas, e por isso repensei esta atitude enquanto alguém que estava muito preocupada em criar, mas sem tecer relações com o contexto social dos estudantes.

Diz-nos Freedman (2006) que a produção artística do estudante está relacionada com os referenciais de imagens de seu dia-a-dia; baseada nisso, para o segundo semestre letivo, correspondente ao Estágio Curricular III, repensei minha postura e passei a trabalhar com o cotidiano do estudante, partindo das tarefas rotineiras e de algumas preocupações com o meio ambiente trazidos por estes,

passamos a realizar propostas mais reflexivas e de auto-conhecimento, pensando em soluções simples para questões pontuais do dia-a-dia.

Trabalhamos o cotidiano e passamos a pensar propostas que envolvessem temáticas que fosse assunto em sala de aula. Passei a planejar minhas aulas de acordo com os subsídios que os estudantes geravam, ao contrário do semestre antecedente, que segui na maioria das vezes o planejamento anteriormente estipulado. Assim, foram priorizado os conteúdos atitudinais, onde Zabala (1998) nos diz que podemos “agrupar em valores, atitudes e normas”, trabalhando com o foco nos valores, tendo estes como “os princípios ou as idéias éticas que permitem às pessoas emitir um juízo sobre as condutas e seu sentido” (p. 46).

Começamos a atuar de acordo com as necessidades da turma perante a escola. Em uma de nossas ações de grupo, pensamos uma maneira de interferir na vida das pessoas, de modo que as fizessem repensar algumas atitudes simples de seu dia-a-dia. Para os estudantes, essa atividade foi de suma importância, pois estes que eram tidos como freqüentes “problemas” na escola, foram elogiados pela atitude de “presentear” colegas das outras turmas, professores e funcionários com mensagens de otimismo, de preservação ao meio ambiente, bem como mudas de árvores e balas.

No decorrer das aulas, passamos a trabalhar, pela vontade dos estudantes em realizar uma camiseta da turma. Para isso, se fez necessário trabalharmos os procedimentos necessários para que alcançássemos o nosso objetivo. O primeiro passo seria escolher um desenho. Os estudantes influenciados pela mídia e pelas imagens que podem homogeneizar uma sociedade, segundo Martins & Valença (2007), escolheram o coelho da *Playboy* e o personagem *Homer Simpson*, símbolos prontos e estereotipados para que compusesse a camiseta.

Então se apresentou a primeira batalha: problematizar esses símbolos. O que significa o coelho da *Playboy*? No que caracteriza a turma a imagem do personagem *Homer Simpson*? Eles realmente dizem o que vocês são, enquanto turma? O que o grupo social ao qual pertencem, compreende com estas imagens? Problematizei essas imagens com algumas questões trabalhadas pelo método de análise crítica de imagens de Franz (2003).

Depois de discutir sobre essas imagens, os estudantes passaram a construir seus desenhos para a arte da camiseta, partindo de suas preferências. Após esboçarem os seus desenhos, os alunos sintetizaram as formas com as técnicas de

desenho e colagem, interpretaram-nas de diversas maneiras, valendo-se de linhas, pontos, cheios e vazios.

Em seguida que desempenhamos essa atividade, objetivamos a diagramação da camiseta, elencando cores, desenhos bem como as posições destes; esta atividade tornou-se importante à medida que proporcionou desmistificar preconceitos relacionados a cores, contribuindo também para uma compreensão de uma melhor visualidade para uma peça do vestuário. Para melhor compreensão de como se realiza as impressões em serigrafia, visitamos o ateliê de Serigrafia e o Pólo Têxtil¹ na UFSM. Nesse momento os estudantes puderam assistir os processos que compõem a serigrafia artística, onde acadêmicas do curso de Artes Visuais estavam em processo de impressão em suas obras.²

No entanto a indisponibilidade financeira da turma inviabilizou a realização da camiseta. Mas os conteúdos até aqui desenvolvidos, foram destinados à atividade de “Camiseta-arte” onde os estudantes, após conversarem sobre marcas de roupas, símbolos dessas marcas, e a maneira como um complementa o outro, desenvolveram suas artes individuais para aplicar em alguma peça do vestuário – nesta proposta, utilizamos a impressão pelo calor do ferro de passar, usando como matriz uma lixa d’água e giz de cera.

Analisando os encontros com a turma 72

Ao passar o ano letivo de 2008 com a turma 72, retomo as minhas questões de pesquisa: Que valores simbólicos encontramos entre os jovens contemporâneos? Quais as identidades dos estudantes em questão? De que maneira os estudantes representam seus símbolos? Quais são os referenciais dos símbolos trazidos pelos estudantes?

Partindo do conceito que Silva (2000) nos apresenta, de que o sujeito é reconhecido por meio de práticas e processos simbólicos, porém esses elementos representativos não são apenas genéticos (como nossas características físicas) são sinais peculiares (tipo sanguíneo, cicatrizes), a própria impressão digital, o DNA, a retina ocular, mas também culturais, iniciei trabalhando focada nos elementos representativos, ao longo da pesquisa transferi o foco para as influências culturais, adquirindo assim mais dúvidas do que certezas em torno do que seria identidade(s).

Os estudantes apresentam valores simbólicos dos modismos, do mundo

efêmero em que vivem. Muitas vezes esses valores flutuantes são decorrentes da possibilidade de aceitação aos grupos, que encontramos na escola, onde esses tendem a se adequar a determinados estilos dos grupos para poder participar deles.

Não encontramos identidades sólidas, encontramos representações multifacetadas, com símbolos oriundos de uma cultura global. O fato de os estudantes terem escolhidos num primeiro momento a imagem do coelho da *Playboy* e do *Homer Simpson* como forma de representação deles, demonstrou que ainda existe a supervalorização do estrangeiro, em nossa cultura.

Relações entre a prática docente no estágio curricular supervisionado com os estudos da cultura visual

O campo teórico da Cultura Visual amplia o campo de estudos de imagens na aula de artes visuais, não sendo estudadas apenas imagens da arte, as tidas como consagradas e eruditas, mas também as imagens da cultura popular, da sociedade do consumo e do espetáculo. Os estudos da cultura visual vêm trabalhando nos últimos trinta anos com um panorama de interdisciplinaridade, onde as estratégias de interpretação de imagens (HERNÁNDEZ, 2006) tecem relações com seus significados culturais, onde se pode trabalhar a subjetividade do indivíduo, fazendo com que se exponha criticamente mediante as imagens. Segundo Hernández (2001) na Cultura Visual não temos mais receptores e nem leitores de imagens, e sim construtores e intérpretes, que agem de acordo com as experiências vividas por cada um.

Os Estudos da Cultura Visual podem proporcionar uma compreensão crítica não apenas das imagens, mas do papel delas e nosso – enquanto indivíduos agentes – na sociedade, bem como as relações de poder que essas imagens vinculam, muito mais de uma mera apreciação ou ainda do prazer que podem proporcionar as imagens da história da arte.

Hernández (2005) nos diz que “la cultura visual está vinculada a la creación de identidades y miradas sobre la realidad en la que se producen y sobre las subjetividades que las miran”, onde voltamos o nosso olhar para nós mesmos e passamos a olhar as imagens com questionamentos que mudam de “o que significam as imagens?” para “o que querem as imagens?” e “o que dizem de mim estas representações visuais?” (HERNÁNDEZ, 2006), onde existe uma troca do

foco, que sai da imagem artística, do processo e de quem a produziu, para o sujeito que a vê, critica e identifica-se com ela, ou não.

Minha experiência docente no ano letivo de 2008 me proporcionou uma série de reflexões que até então eram evidentes, porém não me pareciam tão óbvias. Nossas crianças e adolescentes apresentam identidades multifacetadas, fragmentadas pela sociedade de todos os credos, culturas, costumes, informações, atravessadas pelos programas de televisão, *sites da internet*, valores simbólicos dos modismos e importados, sendo estas crianças, produtos de cada época e contexto (HERNÁNDEZ, 2001).

Hernández (2001) nos diz que existe uma distância relevante entre os modos que a escola educa e como educa os meios da cultura popular e visual, e é essa distância que a educação pós-moderna vem trabalhar, uma vez que o intento é trabalhar de modo que o estudante saia da escola preparado para o mundo ao qual pertence. Sabemos também que na sociedade pós-moderna temos o domínio da imagem, a qual representa uma nova realidade, uma hiper realidade, e que este universo visual tem forte poder persuasivo sobre a sociedade, assim recriando a todo instante novas identidades.

O campo da Cultura Visual possibilita trabalhar pontos importantes de influência do cotidiano dos adolescentes, uma vez que a todo o momento estamos em contato com imagens. Meu projeto de estágio em regência em sala de aula, tenta abordar esses pontos de contato e a importância dos mesmos na vida dos adolescentes com os quais trabalho, tentando considerar as representações fora do contexto artístico – tido como arte erudita – buscando alguns referenciais nas imagens que vêm e que tem acesso.

Algumas considerações

Inicialmente, quando pensei na temática de identidades, o que eu visava era tentar despertar nos estudantes simbologias próprias, que os identificassem enquanto indivíduo, que dissesse algo dos seus grupos, das suas turmas, do seu bairro, da sua escola. Desconsiderei o fato de eles viverem em uma sociedade do consumo, contemporânea, do espetáculo. Ao longo deste ano, percebi que as influências externas, que vêm via telecomunicações, a todo o instante em nossas T.V.s, rádios, computadores, nos tornam seres com maior carga de informação,

miscigenando nossa identidade regional, com uma global. O questionável, é que muitas vezes, tomamos decisões impositivas, excluindo totalmente o regional, por acreditar ainda que o estrangeiro é melhor, ou então, ignoramos as influências externas e passamos a trabalhar com uma visão sectária dos fatos, supervalorizando o que é “da terra”, fechando nosso foco somente no local. Se a função da educação é preparar os estudantes para a vida fora da escola, para a sociedade contemporânea que nos interpela a cada dia, devemos considerar os dois pontos (regional e global), todas as influências culturais são importantes. Talvez a função da educação seja sim, prepará-los para que estabeleçam discussões propositivas, para que os estudantes possam escolher que postura tomar mediante as situações apresentadas. A interlocução é o mais salutar.

Compreendo que não atingi todos meus objetivos no ano letivo de 2008. Frustrrei-me em várias tentativas em sala de aula. No entanto, saio da turma 72 satisfeita com as discussões geradas, com as trocas possibilitadas; os deixei mais atentos frente à arte e a contemporaneidade, bem como mais conscientes de suas ações no mundo. Aprendi, com esta turma, principalmente repensar minhas posturas, e a posição da escola mediante elas. No entanto o projeto continua no ano de 2009, porém com a turma de 3º ano do Ensino Médio, a 301, da Escola Estadual Augusto Ruschi, composta por 40 estudantes entre meninos e meninas da faixa etária de 16 à 21 anos.

Para a prática no ano de 2009, que corresponde ao último semestre de Estágio Curricular Supervisionado do curso de Licenciatura em Artes Visuais na UFSM, considereei essas informações bem como reflexões geradas ao longo do ano de 2008 e objectivei compreender e conhecer a coletividade da turma que seria trabalhada através da educação das Artes Visuais, tentando assim perceber de que modo os estudantes representam a si próprios e a coletividade, sobre o mote de identidades.

O campo da Cultura Visual possibilita adentrar no universo do grupo em questão, conhecê-los melhor, saber quais são suas afinidades e identidades. Penso que, através das imagens que eles relacionam e produzem, posso conhecê-los melhor, saber quais são as influências que fragmentam e produzem as facetas de suas identidades e propor outros modos de ver e relacionar-se com as imagens.

¹ Que se encontra no Centro de Artes e Letras, no Campus da UFSM, sob a coordenação da professora do Departamento de Artes Visuais Lusa Arquistapasse.

² Esta visita também possibilitou a turma conhecer ateliês de Desenho, Pintura e Cerâmica, visualizando a atividade dos acadêmicos nas diferentes linguagens. Outro ponto importante foi o fato de podermos problematizar várias das obras que temos no espaço externo da Universidade, uma vez que estando fora do ambiente escolar, e longe das classes individuais, os estudantes sentiam-se mais a vontade para questionar, expor opiniões bem como elaborar conceitos.

Referências

FRANZ, Terezinha Sueli. **Educação para uma Compreensão Crítica da Arte**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2003.

FREEDMAN, Kerry. **Enseñar La cultura visual: currículum, estética y la vida social del arte**. Barcelona: Octaedro, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. *¿De qué hablamos cuando hablamos de cultura visual? Educação e Realidade*, 2005. (9-34)

_____. *La construcción permanente de un campo no disciplinar*. La Puerta. Publicación de Arte y Diseño, 2006. (87-97)

_____. *La necesidad de repensar la Educación de las Artes Visuales y su fundamentación en los estudios de Cultura Visual*. Congresso Ibérico de Arte-Educação, Porto, Portugal, 2001.

MARTINS, Raimundo; VALENÇA, Kelli. Arte contemporânea, cultura visual e a formação do professor de arte. 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas: Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: 2007, pp. 885-892.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004, pp.25-57.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

VASCONCELLOS, Sônia Tramuja. Formação, decência e ensino da arte: situações percebidas no estagio curricular. 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas: Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: 2008, pp. 1485-1494.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

Currículo Resumido

Josieli Tamaris Sangalli é acadêmica do 8º semestre do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria – RS/Brasil, Membro do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura. sangallijosi@gmail.com

Marilda Oliveira de Oliveira é professora do Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE), Adjunta IV do Depto. de Metodologia do Ensino, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria – RS/Brasil. Doutora em História da Arte e Mestre em Antropologia Social pela Universidad de Barcelona – Espanha. Representante da ANPAP no RS, coordenadora do GEPAEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura e Editora da Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais (LAV). marildaoliveira27@gmail.com